

# o Prelo



ANO XIV - Nº 46 - MAIO DE 2017

Escola  
**VILLA-LOBOS**  
História e música  
em um só lugar *PÁG.22*

## Biblioteca PGE

Muito além  
dos livros *PÁG.12*

## Educação Especial

Inclusão e  
Sociabilidade *PÁG.15*



# LER É O MAIOR BARATO.

Para democratizar o acesso à cultura, a Imprensa Oficial disponibiliza livros a preços populares. É o Projeto Mais Leitura, uma iniciativa que, em 6 anos, já conseguiu grandes resultados:

- Cinco milhões de livros disponibilizados • Um milhão de cidadãos beneficiados.

## PASSA LÁ!

- Poupa Tempo do Bangu Shopping
- Shopping Bay Market - 3º piso
- Térreo do Centro Cultural Joaquim Lavoura, na Avenida Presidente Kennedy, 721, São Gonçalo
- Itinerante nos municípios do Rio de Janeiro

 [projetomaisleitura](#)



  
projeto  
**maisleitura**  
Ler é o maior barato

 NOVA  
**Imprensa  
Oficial**  
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

 GOVERNO DO  
**Rio de  
Janeiro**

PERTO DE VOCÊ



*Luiz Fernando de Souza*  
GOVERNADOR

*Francisco Dornelles*  
VICE-GOVERNADOR

*Christino Auro da Silva*  
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL  
E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO



*Jorge Narciso Peres*  
Diretor-Presidente

*José Claudio Cardoso Ururahy*  
Diretor Administrativo

*Nilton Nissin Rechtman*  
Diretor Financeiro

*Luiz Carlos Manso Alves*  
Diretor Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81  
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230

Telefone: 2717-4141 PABX

[www.imprensaoficial.rj.gov.br](http://www.imprensaoficial.rj.gov.br)

## o Prelo

Revista de Cultura da Imprensa  
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81  
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230  
Assessoria de Comunicação Social - ASCOP  
Tels: (21) 2717-4682

Endereço eletrônico:  
[assessoriadecomunicacao@imprensaoficial.rj.gov.br](mailto:assessoriadecomunicacao@imprensaoficial.rj.gov.br)

Editado pela Assessoria de  
Comunicação Social da Imprensa Oficial

Assessora de Comunicação:  
*Fabiana Paiva*

Redatores:  
*Luiz Augusto Erthal e Osvaldo Maneschy*

Estagiários:  
*Camilla Alcântara*  
*Laura Miranda*  
*Marcia Mathias*  
*Matheus Sousa*  
*Talita Jeolás*

Programação Visual:  
*Luiz Fernando da Silva Reis*  
*Matheus Correia (estagiário)*

Revisão:  
*Assessoria de Comunicação Social*  
*da Imprensa Oficial*

Capa:  
*Foto: Escola Villa-Lobos/Caru Ribeiro*

IMPRESSA NO PARQUE GRÁFICO DA  
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

## DESTAQUES NESTA EDIÇÃO



### A HISTÓRIA QUE EU CONTO

4 Centro é referência em comunidade do Rio de Janeiro por trabalhos sociais

### CASA REVIVER

6 Portas abertas para uma nova realidade

### GALPÃO CULTURAL

8 Espaço democratiza acesso à arte em Bom Jardim



### CASA DA DESCOBERTA

10 Popularizando conhecimento científico em Niterói

### BIBLIOTECAS PGE

12 Acervos da Procuradoria abrigam tesouros da literatura

### EDUCAÇÃO ESPECIAL

15 Construindo uma sociedade mais inclusiva



### #OPRELOCURTIU

20 Confira as dicas da redação



### ESCOLA VILLA-LOBOS

22 Instituição é referência no ensino musical para jovens e adultos

### AFL

27 Associação comemora seu centenário

### REPLANTANDO VIDAS

28 Projeto une ecologia e reintegração social



### OBITUÁRIO

31 Idealizador da revista O Prelo deixa legado para gerações futuras

### BANCO DE ALIMENTOS

34 Iniciativa da Ceasa evita o desperdício com a doação de mantimentos

AS OPINIÕES EMITIDAS NAS MATÉRIAS SÃO DE RESPONSABILIDADE  
EXCLUSIVA DOS AUTORES

# Para contar e reescrever trajetórias

*Centro Cultural A História Que Eu Conto é referência em comunidade do Rio de Janeiro através de trabalhos sociais*

MATHEUS SOUSA

Samuel Muniz, o Samuca, foi um dos criminosos mais procurados pela polícia do Rio de Janeiro no final da década de 80. Ele entrou para o crime aos 16 e, após ser condenado e cumprir pena por sete anos, buscou um novo rumo para a sua vida através de trabalhos sociais. Mas lhe faltava algo. Ele queria ter a oportunidade de contar sua história para outras pessoas. Assim, em 2008, criou o Centro Cultural A História Que Eu Conto em uma das comunidades mais violentas da cidade, a Vila Aliança, na Zona Oeste do Rio. O intuito era destacar o talento de crianças e adolescentes por meio de oficinas de teatro, dança e grafite, além de proporcionar a chance desses jovens de não apenas contarem as histórias deles, mas também a reescrevê-las.



No alto, a sede do Centro Cultural A História Que Eu Conto, seguida por jovens beneficiados

O ser humano se constrói a partir de experiências e aprendizados, portanto, o meio em que se vive tem grande influência sobre ele. Por conta de uma série de problemáticas, como falta de possibilidade, de equilíbrio psicológico, de uma família presente e por tantas outras dificuldades que lhes são apresentadas ao longo da vida, vários jovens acabam encontrando nos caminhos ilícitos uma forma de melhorar sua condição na sociedade. “Muitas pessoas não entendem que alguns atos cometidos pelos adolescentes podem estar relacionados a uma violência, a um abuso sexual ou a uma sucessão de outros problemas que eles passam. O Centro Cultural A História Que Eu Conto (CCHC) existe para que pessoas se tornem protagonistas de suas próprias histórias, oferecendo atendimentos e atividades atrativas para que esses jovens tenham mais acesso ao conhecimento e à pluralidade cultural”, afirma Samuel, idealizador e coordenador geral.

Com a participação dos moradores da região, o CCHC deu novo significado ao espaço da extinta Escola Municipal Austregésilo de Athayde, que, em 2007, foi desativada por conta de uma

operação policial na localidade. Estima-se que o CCHC já ajudou a mudar a trajetória de mais de 700 jovens de comunidades do Rio de Janeiro através do atendimento especial e das oficinas de teatro, dança e grafite. “Eu carrego ao longo desse tempo as lembranças de vários jovens que eu atendi e que o meu trabalho contribuiu de alguma maneira para melhoria na vida deles. Por exemplo, o nosso atual instrutor de grafite, Tiago Soledade, o “Cety”, foi aluno e hoje é um cara conhecido pelo mundo. Ele colaborou com a pintura do mural de atletas refugiados que disputaram os Jogos Olímpicos Rio 2016, na restaurada Praça Mauá”, comenta.

Atualmente, o centro cultural conta com uma equipe composta por nove colaboradores, que busca atender pessoas entre 12 e 24 anos de idade. Entretanto, as portas estão sempre abertas para situações excepcionais, como já aconteceu com o estudante de Administração, Jeferson Cora. “Ele vinha de uma relação complicada com o pai, pensando até em tirar a vida dele. Foi feito um trabalho ao longo do tempo, mostrando que ele era muito mais do que aquilo. Em 2017 ele termina a faculdade e ainda gerencia a Nave do



Tiago Soledade, o "Cety", durante oficina de grafite

“Eu sou privilegiado por poder estar à frente de um trabalho como esse”

*Samuel Muniz*

Conhecimento Abdias do Nascimento, da Vila Aliança”, orgulha-se.

Uma pista de skate, uma quadra poliesportiva, o reconhecimento na região como instrumento de cultura, uma certificação do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e de Desenvolvimento Social foram outras conquistas da instituição no decorrer dos anos. Porém, para Samuel, o troféu mais importante é a diferença que o serviço do Centro Cultural A História Que Eu Conto promove na vida de tantas pessoas, tornando o lugar uma referência positiva na comunidade. “A gente entende que a vida do ser humano tem grande relevância, atendendo quem realmente precisa ser auxiliado, sempre tratando com respeito. Eu sou privilegiado por poder estar à frente de um trabalho com esse”. □

#### **SERVIÇO**

Endereço: Rua Antenor Correia, nº 1,  
Senador Camará – Rio de Janeiro  
Telefones: (21) 2404-0942 e (21) 99850-8857  
E-mail: ahistoriaqueeuconto@gmail.com



# Construção fe

*Casa Reviver abre suas portas para uma nova realidade*

LAURA MIRANDA

Ao procurar a palavra “casa” em um dicionário, provavelmente você encontrará as seguintes definições: construção destinada à habitação; local de moradia; compartimento geralmente unifamiliar, entre outros. Mas, ao contrário do que diz a teoria, uma casa pode ser muito além do que apenas uma habitação. Localizada na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, uma simples casa se transformou em um lugar de esperança e novos recomeços, onde fazem parte da família todos aqueles que passam porta adentro.

Após sofrer a perda do seu irmão para o tráfico, um menino, morador da comunidade do Morro do Estado, ousou criar um local onde crianças e jovens pudessem estar após seus turnos escolares. Com o objetivo de tornar o poder da educação, da leitura e da arte superiores ao poder das armas, surgiu, em 2006, a Casa Reviver, que hoje atende cerca de 80 crianças da comunidade, além de também prestar assistência a mais de 200 famílias e moradores do local.

Distribuída em cinco cômodos, entre eles, sala de leitura, sala de atividades e sala de reuniões, a casa ministra semanalmente oficinas de cunho educativo, que são sempre atualizadas a cada ano e de acordo com o cenário que o país ou a comunidade está atravessando, para que, assim como os adultos, as crianças e os jovens possam participar de debates sobre o assunto vigente, criando suas opiniões. Em anos de eleição, como em 2014, por exemplo, todos os alunos do projeto se transformaram em verdadeiros políticos. Divididos em chapas eleitorais, as crianças criaram propostas para a comunidade, alternativas para um melhor funcionamento da casa, além de fazerem suas respectivas campanhas. Na votação, elas também puderam escolher seus representantes.

Assim, Márcia Thaynara Rodri-





# Chapa de sonhos

gues, de 10 anos, foi eleita presidente do projeto por seus colegas. Na opinião dela, a eleição é uma forma de colocar em prática o que aprenderam nas oficinas e também de honrarem com as propostas que foram feitas às crianças e aos adolescentes. “A eleição foi muito legal e fiquei muito feliz de terem me escolhido como presidente. Uma das propostas da nossa chapa era a organização das atividades de limpeza aqui do projeto e agora nós temos que cumprir, não é mesmo?”, declarou.

## GRUPO DE APOIO

Todas as quartas-feiras, a casa abre suas portas para as mulheres do Morro do Estado no Grupo de Roda de Terapia Comunitária. Acompanhadas por uma psicóloga, as reuniões tratam questões familiares, como relacionamentos entre filhos, maridos ou namorados, mulheres que possuam algum familiar ligado ao sistema prisional, além de também trabalharem divergências entre si. Ao final do encontro, alguns exercícios são sugeridos para as participantes.

Para Karina da Silva, assistente social e uma das administradoras da Casa Reviver, o grupo é um grande exemplo de como uma simples conversa pode ajudar a melhorar o cotidiano de alguém que esteja passando por um

momento de dificuldade. “A única regra que temos aqui no grupo é não julgar. No mais, tudo pode ser falado e todas nós ouviremos sobre qualquer coisa que possa estar acontecendo na vida delas. Temos vistos resultados muito positivos e ficamos muito felizes de estarmos ajudando a essas mulheres. Algumas delas, que no início de tudo não se falavam por alguma briga que havia ocorrido, hoje se falam e apoiam umas às outras, e isso é algo muito bacana de se ver”, disse.

Além das atividades que são oferecidas no decorrer do ano letivo, a Casa Reviver também transforma as férias em dias repletos de recreação e aventura. Entre janeiro e fevereiro, com a ajuda de parceiros e voluntários do programa, mais de cem pequeninos participam do AcampReviver, acampamento de três dias realizado no Sítio Canaã, no município de Maricá. Datas comemorativas, como Dia das Crianças, Dia dos Pais e vésperas de Natal, também são celebradas sempre com muita alegria na comunidade, juntamente com todos os moradores.

Atualmente, a Casa Reviver se prepara para uma nova estrutura. Construída também no Morro do Estado, o local conta com uma grande horta, um amplo terraço, três salas de atividade, além de um pátio externo. □



## SERVIÇO

Casa Reviver

Telefone: (21)3628-0961

Email: [casareviver@gmail.com](mailto:casareviver@gmail.com)

Facebook: <https://www.facebook.com/casareviveroficial/>

# Galpão de histórias, artes e muita cultura

*Espaço oferece oficinas gratuitas para moradores e vizinhos de Bom Jardim*

MARCIA MATHIAS

Durante o período imperial brasileiro, em meados do século XIX, a Região Serrana do Rio de Janeiro abrigava uma grande propriedade referência no ramo cafeeiro: a Fazenda Bom Jardim, do coronel Luiz Corrêa da Rocha Sobrinho. Uma das maiores plantações de café da região, a fazenda se destacou tanto na atividade que deu nome a atual cidade de Bom Jardim, sede do atual município com o mesmo nome. Carregado de história, com pouco mais de 25 mil habitantes, Bom Jardim inaugurou em 2011 um espaço para promover a cultura onde antes funcionava a usina de café da fazenda, o Galpão Cultural, que oferece gratuitamente cursos para mais de 450 alunos por ano.

O Galpão Cultural preservou a arquitetura original do prédio mesmo depois da reforma feita para atender melhor o público, sempre com a preocupação de aproveitar os materiais já presentes no local, ligados à memória histórica da região e com total apoio da Prefeitura de Bom Jardim e do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

O trabalho de difusão cultural para pessoas de oito a 80 anos já completou cinco anos oferecendo oficinas de músi-

Fotos: Divulgação



ca, de dança, de teatro, de violão, de pintura, de desenho e de capoeira. Segundo a coordenadora do Galpão Cultural, Sabrina Faria, as atividades contribuem para tornar melhor o dia a dia das pessoas da região, principalmente aquelas que já estão na terceira idade.

“O Galpão Cultural é um espaço para a propagação da cultura e valorização dos idosos, que são dominados pelo sentimento comum de não serem produtivos após a aposentadoria. No galpão eles sempre podem iniciar uma atividade nova, serem úteis e isto ajuda no tratamento contra sentimentos depressivos”, falou.

Aluna do Galpão Cultural há dois anos, Bernadete Emerich, de 57, tem aula de desenho duas vezes por semana e é presença confirmada em todos os eventos e atividades extras que acontecem com frequência no espaço, como por exemplo, apresentações teatrais. Toda essa dinâmica em seu dia a dia mudou a forma como ela lida com a própria vida.

“Iniciar as atividades no Galpão foi um divisor de águas para mim. O espaço proporciona um ambiente agradável para o aluno desenvolver-se e ainda torna possível estreitar

“O Galpão oferece oficinas que desenvolvem a autoestima de cada um, lembrando a cada dia que todos são iguais”



*Sala de exposição  
para apresentação  
de artistas locais*

*Aulas de desenho  
reproduzem a técnica do  
retrato artístico*



os laços de amizade. Ao frequentar a oficina de desenho eu me redescubro e me reinvento a cada dia”, declarou Bernadete, emocionada com seu novo estilo de vida.

Além das oficinas, que acontecem em horários diversos no período de segunda a sexta, de manhã até à noite, o espaço também abriga o Teatro Municipal de Bom Jardim. Também possui uma área externa para eventos da comunidade local. Há, ainda, o Museu Rego Cabral que se destina a exposições temáticas e itinerantes. O museu conta com seu próprio acervo de quadros e esculturas e sempre abre espaço para artistas locais ou não.

Anualmente, a equipe do galpão visita escolas das redes municipal e estadual convidando os estudantes a ingressarem nas oficinas. Em média, as turmas variam de 30 a 50 alunos e são acessíveis, inclusive, para jovens ligados à Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (Apae).

“Dentro do processo de inclusão, todas as pessoas com deficiência têm direito a escolarização. O Galpão Cultural é um espaço que oferece oficinas com interação e adequação, buscando inserir as pessoas na sociedade, trabalhando no desenvolvimento e autoestima de cada um. Lembrando a cada dia que todos são iguais”, encerrou Sabrina. □

## **MUSEU FAZENDA LUIZ CORREA DA ROCHA SOBRIÑO**

A antiga Fazenda Bom Jardim deu nome à cidade e ao município e além do Galpão Cultural, outro importante ponto turístico é o Museu Fazenda Luiz Correa da Rocha Sobrinho, que funciona na antiga sede da fazenda construída em meados do século XIX. Hoje, ele é o principal museu do município, preservando sua história e expondo-a através de fotografias, documentos antigos e exemplares de jornais publicados. Fazem parte do acervo parte da mobília original, talheres, mesa de jantar de época, móveis e até a embalagem do café produzido na fazenda. Tudo preservado pelos descendentes do Coronel Luiz Corrêa.

### **SERVIÇO**

Rua Luiz Corrêa s/n, ° Bom Jardim  
RJ. Telefone: (22) 2566-2236  
Email: stecla@bol.com



Foto: Divulgação

# Novo olhar so

*Centro de Divulgação de  
Ciência da Universidade  
Federal Fluminense foga da  
abordagem acadêmica  
e encanta a jovens e adultos*

MATHEUS CORREIA

## SERVIÇO

UFF – Campus da Praia Vermelha; Rua Passo da Pátria, nº 156, Instituto de Física, 2p  
Site: [uff.br/casadadescoberta/index.html](http://uff.br/casadadescoberta/index.html)  
Telefone: 2629-5809  
Horário de atendimento ao público:  
De 2ª a 6ª: 9h às 12h e 14h às 17h

Quem nunca sofreu para gravar as leis de Newton? E aquela aula de química do Ensino Médio que te faz guardar todos os elementos da tabela? Se é isso que você espera ao entrar na Casa da Descoberta da Universidade Federal Fluminense (UFF), não poderia estar mais enganado. Entre piadas e interações de, literalmente, arrepiar os cabelos, os monitores do projeto relacionam fenômenos comuns à vida cotidiana de forma lúdica, deixando por quem passa por lá um gostinho de quero mais. E é exatamente esse o propósito da casa, que tem por objetivo trazer ciência ao público de forma mais dinâmica e descontraída.

Nascida de uma exposição de experimentos de Física e Geologia, a Casa da Descoberta foi inaugurada no ano de 2000, no Instituto de Física da UFF na cidade de Niterói, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Em sua primeira concepção – idealizada em 1999 e tendo como parceiros a Funarj (Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro), a Prefeitura de Niterói e o Unibanco – o projeto tinha o nome de “Palácio das Descobertas”, fazendo referência ao Palácio do Ingá, sua primeira casa. A ideia se tornou um sucesso imediato e, apesar de sua curta duração (8 de junho a 11 de julho), teve registrada em seu livro de presença 7.980 visitantes, dos mais variados níveis de idade e escolaridade.

Terminando sua temporada inicial e

depois de um intervalo de mais de um ano, o projeto renasceu no dia 9 de novembro do ano seguinte, agora já dentro do campus da universidade – permitindo que se expandisse tanto em número de visitas quanto em seu acervo. Hoje, contando com uma tenda localizada na parte externa aos blocos com experimentos ao ar livre e sistema híbrido de geração de energia, o local recebe diariamente dezenas de pessoas das mais diversas localidades do Estado, com uma equipe de monitores preparados para guiá-las pelo mundo da ciência de forma prática e divertida, estimulando o interesse e democratizando o acesso a um conhecimento que – por vezes – fica retido nos centros acadêmicos.

Por falar em monitores, o processo seletivo é aberto a todos os estudantes matriculados na UFF, independente do curso, servindo de centro de estágio para alunos das mais diversas áreas. “A gente tenta incentivar as crianças a levar a ciência para o futuro delas, mostrando os experimentos de forma simples, o que faz com que elas comecem a entender a física do jeito que ela é, mesmo sem ter a teoria. Muito do que eu vi no curso de Engenharia da UFF e no Ensino Médio só fui realmente entender aqui na casa, porque a proposta didática do projeto faz com que você aprofunde conceitos” relata Patrick Pessoa, estudante de Engenharia de Telecomunicações e um dos monitores do espaço.



# bre a natureza

Fotos: Matheus Correia

## ACERVO

Sucesso entre os visitantes de todas as faixas etárias, o Gerador de Van de Graaf é sempre um dos mais procurados pela forma como ele eriça os cabelos de quem o toca, criando um efeito visual impactante. O aparelho, primeiro modelo de gerador elétrico, funciona através da movimentação de uma correia que é eletrizada por atrito na parte inferior do equipamento e, ao transmitir essa carga para sua parte superior metálica cria uma diferença de tensão. Mas ele não é o único que chama a atenção. A Casa ainda conta com experimentos como:



Visitantes aprendendo como funciona o jogo de espelhos em um periscópio



•Gerador de energia elétrica  
Simplesmente pedalando uma bicicleta, o visitante consegue acender várias lâmpadas, tendo acesso a indicação de quantos watts ele está produzindo.

### •Equilíbrio dinâmico

Com o objetivo de mostrar, de forma simplificada, como os corpos flutuam, eles mostram como equilibrar uma bola leve ou até traçar uma trajetória com ela com um simples jato de ar.

### •Caleidoscópio

Aparelho óptico formado por três espelhos formando  $60^\circ$  entre si, encanta a todos que se posicionam dentro dele, pois cria infinitas imagens refletidas

### •Bolha de sabão

A partir de uma estrutura de metal com cerca de dois metros de altura, o guia da visita produz uma bolha de sabão que envolve o visitante, divertindo até os mais velhos.



# Os tesouros



CAMILLA ALCÂNTARA

*Órgão do Estado abriga heranças literárias, espaço de pesquisa e coleções especiais*

Inaugurado em 2011, o novo prédio da Procuradoria Geral do Estado do Rio reúne diversas procuradorias que atendem ao Estado em diferentes áreas. Ali, no número 27 da Rua do Carmo, no Centro do Rio de Janeiro, trabalham servidores, procuradores e estagiários. Dos quinze andares do edifício, dois deles abrigam três bibliotecas com acervos riquíssimos, coleções especiais e ambientes agradáveis de estudo.

Antes destinada aos membros da procuradoria, agora as bibliotecas são abertas a qualquer pessoa que desejar fazer uma pesquisa e usar o ambiente para estudo. Procuradora-assistente do Centro de Estudos Jurídicos (CEJUR), Nathalie Carvalho diz que a ideia da Procuradoria é tutelar principalmente obras raras. “O objetivo mesmo é servir à população, e que as pessoas tenham acesso a essas preciosidades. A gente recebe aqui pesquisadores, alunos de História, pessoas fazendo suas teses, e isso é gratificante. É um público bastante especializado que procura esse acervo mais raro”, aponta.

A Biblioteca Marcos Juruena Villela Souto é a principal das três e possui um perfil majoritariamente jurídico. Por causa disso, seu acer-

vo atende principalmente aos estudantes da área do Direito, História e Filosofia. É o caso de Isabelle Pereira, de 22 anos, que cursa Direito na Universidade Federal Fluminense (UFF) e é estagiária da Procuradoria. Ela conta que os livros da biblioteca lhe auxiliam em seus estudos e trabalhos da faculdade. “Passei na prova da OAB no período passado, e ajudou muito estudar aqui. Agora estudo para concurso”, declara.

Outro ponto forte da biblioteca principal são as coleções especiais. Uma delas pertenceu ao jurista e político brasileiro Francisco Campos. Ao todo, são 2.700 obras – entre títulos raros e preciosos – que demonstram os hábitos de leitura e estudo de um dos redatores da Constituição brasileira de 1937. Outro destaque é a Biblioteca Philadelpho Azevedo, com acervo doado pelo próprio à Procuradoria. O diferencial da coleção fica por conta do histórico familiar, já que ele era filho de José Philadelpho de Barros e Azevedo, que foi Ministro do Supremo Tribunal Federal em 1942. O acervo total do espaço conta com 65 mil obras, que inclui, além de livros e coleções, periódicos, obras de referência e publicações oficiais.

## SERVIÇO

Endereço: Rua do Carmo, 27, 2º andar, Centro - Rio de Janeiro (RJ)  
Telefone: (21) 2332-7314  
E-mail: biblio@pge.rj.gov.br

# da Procuradoria

## Cantinhos especiais

Uma pequena sala dentro da biblioteca principal abriga a beleza da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira. O casal juntou suas coleções de livros durante o tempo que viveu junto e construiu o espaço. Um quarto desse acervo de Arte, História e Literatura possui dedicatória a Lucia, a Octavio ou aos dois. É possível que os amantes da literatura brasileira sintam uma pontinha de inveja das amigas do casal, que fazia parte da elite intelectual da época. Carlos Drummond de Andrade dedicou a eles o seu livro *Claro Enigma*, com uma poesia manuscrita feita especialmente para os dois. Monteiro Lobato lembrou uma frase dita pelo pai de Lucia, Miguel Pereira, conceituado professor de medicina, e a escreveu como dedicatória em um exemplar de *Reinações de Narizinho*. À frase do médico “O Brasil é um vasto hospital”, Lobato acrescentou “com um lindo jardim na frente. Nesse jardim uma flor de inteligência alta esplende: Lucia Miguel Pereira (...)”.

Lucia fez em 1943 uma aprofundada pesquisa biográfica sobre Gonçalves Dias. Nove anos depois, Manuel Bandeira também dedicou a ela *Gonçalves Dias*, segundo ele, o “modesto varejo” inspirado pelo trabalho que lhe serviu de “opulento atacado”. O casal que tinha o hábito de passear de mãos dadas pelo jardim do apartamento também escrevia homenagens um ao outro. Morreram juntos, em um acidente aéreo sobre o Rio de Janeiro, em dezem-

bro de 1959. A biblioteca foi doada para a Procuradoria em 2010, pelo neto de Octavio, Antonio Gabriel de Paula Fonseca Jr. O espaço foi montado para imitar sua configuração original. Mesmas estantes, obras e móveis. Há também os quadros da poetisa americana Elizabeth Bishop em honra aos dois.

Outros detalhes acerca da história e das obras do casal são contados em um livro, que possui fotografias das coleções e dedicatórias de Nelson Rodrigues, João Cabral de Melo Neto, Jorge Amado, Clarice Lispector, Oswald de Andrade e outros célebres nomes da literatura que integram esse acervo tão único.

Já no espaço Raymundo Faoro, é possível encontrar livros de Direito, Política, Filosofia, Sociologia e Literatura. Obras sobre políticas internacionais em diversos idiomas colorem as prateleiras e despertam curiosidade. O historiador e escritor era, como conta a bibliotecária Alessandra Oliveira, apaixonado por Dom Quixote. Por isso, há no lugar diversas edições de Dom Quixote em várias línguas. A biblioteca foi aberta em 2012.

Ali, há computadores disponíveis para consulta de legislação, periódicos e livros. Também há busca por autor, título, verificação de disponibilidade das obras e vídeos de palestras de procuradores. A Procuradoria cuida com zelo das coleções que se tornaram um patrimônio que pode ser aproveitado pelo público, sempre adquirindo novas opções de leitura e pesquisa. □



## ENTREVISTA: ANDERSON SCHEIBER

*Procurador-Chefe do Centro de Estudos Jurídicos da Procuradoria Geral do Rio de Janeiro, Anderson Schreiber é professor de Direito Civil da Uerj. Escreveu quatro livros e diversos artigos publicados em revistas especializadas, além de ser co-autor em algumas obras. É ex-Presidente do Comitê de Desburocratização do Estado e ex-Chefe da Assessoria Jurídica da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Energia, Indústria e Serviços do Estado do Rio de Janeiro.*

### 1. Qual a importância do acervo das bibliotecas para a área jurídica?

A biblioteca da PGE talvez represente hoje o melhor acervo entre as bibliotecas jurídicas do Rio de Janeiro. Não temos um número de volumes tão grande quanto a biblioteca do Tribunal de Justiça, por exemplo, mas temos uma grande quantidade de obras estrangeiras muito qualificadas. Eu arriscaria dizer que, em temas como Direito Administrativo, Direito Constitucional e Direito Tributário, temos um dos melhores acervos do Brasil. Isso é fruto da dedicação das pessoas que, antes de mim, chefiaram o Centro de Estudos Jurídicos da PGE: Leonardo Mattietto, Marcos Juruena e Luis Roberto Barroso (atual Ministro do STF), entre outros. E a importância desse acervo hoje é total, seja para o funcionamento interno da PGE, já que trabalhamos todo o tempo com teses e construções doutrinárias de ponta, seja para o estreitamento do diálogo entre a PGE e outras instituições jurídicas, porque toda biblioteca é sempre um ponto de encontro, entre pessoas e entre suas ideias.

### 2. Qual obra/coleção você poderia dizer que é destaque na biblioteca?

Sob o ponto de vista histórico, há alguns destaques como o Projeto da Constituição de 1937, datilografado, com anotações a lápis de seu autor, Francisco Campos, e a Constituição dos Estados Unidos do Brasil, publicada em 1946, onde constam as assinaturas de constituintes da época, como Hermes Lima, Arthur Bernardes, Gilberto Freyre e outros. No acervo mais recente, eu não posso deixar de destacar a obra completa do Marcos Juruena Villela Souto, Procurador do Estado extremamente dedicado à nossa Casa, um dos grandes nomes do Direito Administrativo contemporâneo, que faleceu precocemente e que dá nome à nossa biblioteca.

### 3. São realizadas novas aquisições para a biblioteca com que frequência?

Realizamos, em média uma vez ao ano, licitação para aquisição de livros nacionais e internacionais. De 2008 para cá, tivemos um incremento na frequência de compras e adquirimos, aproximadamente, dois mil itens por ano. Entre as aquisições, há livros nacionais e estrangeiros que identificamos como de interesse dos procuradores, servidores, residentes, estagiários, enfim, todos que compõem a PGE. Há na biblioteca um formulário que qualquer usuário pode preencher sugerindo a aquisição de certa obra.

### 4. Como se sente ao abrigar no espaço da procuradoria este acervo de estudo?

Sinto um orgulho muito grande, mas também uma responsabilidade imensa. O Centro de Estudos Jurídicos da PGE, que eu chefo desde o fim do ano passado, tem, entre várias outras funções, a tarefa de ser uma espécie de guardião e gestor da biblioteca. Precisamos mantê-la à altura das necessidades dos procuradores e demais integrantes da PGE, que são necessidades que se ampliam muito rapidamente com a alta especialização que vem caracterizando a ciência jurídica e a internacionalização do debate em torno de certos temas.

# Mais do que especiais

*Instituições oferecem oportunidades a pessoas especiais e desenvolvem novo olhar sobre inclusão social*

MATHEUS SOUSA

O direito à educação é reconhecido a todos pelo Estado brasileiro, que prevê um sistema educacional inclusivo em todos os níveis. Entretanto, desenvolver um novo olhar sobre a inclusão social e a cidadania de pessoas com algum tipo de deficiência ainda é um enorme desafio que três instituições no Rio de Janeiro assumiram como compromisso e, felizmente, vêm conseguindo resultados positivos. A escola especial Favo de Mel, o projeto Natação Adaptada e a Clínica-Escola do Autista através de seus trabalhos e da dedicação de muitos profissionais oferecem oportunidades a diversas famílias, contribuindo por uma sociedade menos desigual.

Foto: Divulgação





## Natação adaptada para gerar desenvolvimento

O esporte exerce um papel fundamental na vida de diversas pessoas. Para os deficientes, a prática esportiva é vista, muitas vezes, como uma ferramenta de inclusão social. As atividades são capazes de garantir uma série de vantagens tanto físicas quanto mentais para eles. Na cidade de Niterói, o projeto Natação Adaptada desenvolve, desde 2011, um importante trabalho de integração, proporcionando oportunidades para crianças e adultos – com qualquer tipo de deficiência – exercitarem um esporte.

“Nós percebemos, junto com os pais, uma melhora significativa no desenvolvimento dos alunos, não apenas no aspecto físico, mas no social e no comportamento deles no dia a dia”, relata o coordenador do projeto, Aurélio Vianna. Segundo ele, é perceptível que existe uma dificuldade muito grande de acesso e certa carência de políticas pú-

blicas para deficientes. Dessa maneira, o principal objetivo do projeto é trabalhar com a inclusão dessas pessoas.

Em uma parceria com a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal Fluminense (UFF), o Natação Adaptada realiza suas atividades na piscina do Instituto de Educação Física da UFF. Com isso, o coordenador Aurélio conta com a colaboração de cinco bolsistas da PROEX e mais cinco alunos voluntários da Educação Física. “No currículo da formação em Educação Física tem se pensado pouco em como trabalhar essa área de aprendizado, então eu acho que é uma possibilidade de o aluno vir, participar do programa e adquirir esse conhecimento”, explica.

“O meu olhar sobre o que é a deficiência mudou. Um progresso imenso ver quando não só ajudamos os alunos, mas que fizemos parte disso. E é importante



Fotos: Divulgação



pensar também que é uma troca, não estamos aqui só ensinando, mas aprendemos muito com eles”, ressalta a estudante voluntária Cristina Rocha. De acordo com ela, a autonomia do aluno dentro da piscina é um ponto a se destacar e que gera uma tranquilidade para os pais. “Através do lúdico e da brincadeira, a gente consegue criar um ambiente favorável para que essas pessoas se sintam bem e tenham a capacidade de saber se virar na água”, acrescenta.

Entretanto, as atividades do Natação Adaptada não ficam somente restritas as bordas da piscina, o projeto também atua em um Núcleo de Pesquisa, com o intuito de avaliar, em parceria com os pais, a desenvoltura de cada aluno ao longo da participação dele, ter uma visão da rotina e da especificidade de cada deficiência, além de convidar pessoas especialistas na área para ministrar palestras para os alunos, monitores e parentes.

Uma média de 12 a 15 pessoas é atendida todas as quartas e sextas, de 13h até 14h30. Atualmente, a maioria dos participantes é autista, assim como Daniel Augusto, de 12 anos. Desde 2013 no projeto, ele apresenta várias melhorias, conforme diz sua mãe Aline. “A satisfação de ver meu filho nadando e se desenvolvendo é gratificante, e hoje ele interage mais socialmente. O Projeto Natação Adaptada possibilita que essas pessoas sejam vistas como capazes através da prática do esporte”, finaliza.

**Serviço:**

Endereço: Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/nº, Campus do Gragoatá, São Domingos, Niterói  
 Telefone: (21) 2629-2809

## Escola Favo de Mel prepara jovens para o mercado de trabalho

Localizada no bairro do Quintino, na Zona Norte do Rio, a Favo de Mel é considerada a única escola pública do Brasil dedicada exclusivamente a pessoas com deficiência intelectual. Vinculado à Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec), o colégio oferece educação profissional a um público maior de 18 anos, disponibilizando cursos como: Auxiliar de Garçom/Cumim, Auxiliar de Serviços Gerais, Auxiliar de Contínuo, Auxiliar de Cozinha e Auxiliar de Aderecista.

A instituição foi criada em 1996 para atender um requerimento da Faetec de ser uma escola especial com características educacionais, lúdicas e terapêuticas. Todavia, em 2009, a escola passou por uma ressignificação para que o foco pudesse ser a “inclusão social de forma mais eficaz”, como define a diretora Sônia Mendes. “A mudança veio para oferecer uma educação profissional e tecnológica. Tivemos uma demanda de um projeto da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e, a partir disso, os cursos profissionalizantes passaram por uma nova configuração para atender esse público – que não tem limite de idade, mas precisa ser maior”.

De acordo com a Associação Americana de Deficiência Mental (AAMR), a deficiência intelectual precisa ser manifestada até os 18 anos, apresentando limitações em pelo menos em dois destes aspectos: comunicação, cuidados pessoais, competências domésticas, habilidades sociais, utilização dos recursos comunitários, autonomia, saúde e segurança, aptidões escolares, lazer e trabalho.

Com 200 alunos matriculados, a Favo de Mel abrange pessoas de vários tipos de deficiência. “A intelectual, por exemplo, é um grande conjunto. Alguns indivíduos têm as que são originárias de síndromes, como a de Down, de Rett e a de Williams, até uma mais específica que é a de Prader Willi, – nós temos quatro alunos com essa – e outras pessoas são casos de problemas durante a gestação ou no parto que podem ter desenvolvido essa condição, além dos muitos casos de autismo”, comenta Sônia, que já trabalha com educação especial desde 1999.

Paralelamente aos cursos técnicos, a escola constrói, ao longo de dois anos, uma proposta curricular chamada de “Auto Gerenciamento”, que compreende noções de segurança, higiene pessoal e reconhecimento de hierarquia. “O deficiente intelectual também vai aprendendo a medida que ele convive com pessoas sem deficiência. Ele é um ser humano que tem suas funcionalidades e capacidades, mas também tem suas limitações”, declara a diretora.

O presidente da Faetec, Miguel Badenes, concorda e reforça a relevância da escola para a sociedade. “É de vital importância o Estado atender essas pessoas que, às vezes, ficam à margem do atendimento que deveria ter na sua formação, no seu acolhimento e no seu desenvolvimento intelectual”.

Portadora da Síndrome de Down e deficiente auditiva, Camila Pontes se formou no curso de Auxiliar de Garçom. “Ela deu um salto de maturidade, sociabilidade e independência. E não teria conseguido isso se estivesse em outra escola. Existiam algumas que a aceitavam por ter Síndrome de Down, mas não por ser surda e vice-versa. Então eu sou muito grata à Favo de Mel por acolher minha filha e por poder vê-la progredir”, agradece Solange, a mãe da jovem.

Aluna Camila Pontes com a diretora Sônia Mendes



Foto: Matheus Sousa

### SERVIÇO:

Favo de Mel

Endereço: Rua Clarimundo de Melo, 847 - Quintino Bocaiuva, Rio de Janeiro  
Telefone: (21) 2299-1850



Professora ajuda a preparar o aluno a estar no meio social

## Clínica-Escola do Autista trabalha com a multidisciplinaridade

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), um em cada 68 indivíduos no mundo apresenta algum transtorno do espectro do autismo. No Brasil, a estimativa é de dois milhões de casos. Apesar da quantidade, há poucos centros públicos especializados em autismo à disposição da sociedade. Um deles está em São Gonçalo, município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, funciona, desde 2016, a segunda Clínica-Escola do autista do país.

A instituição oferece atendimento multidisciplinar envolvendo várias áreas, tais como Pediatria, Neurologia, Odontologia, Nutrologia, Psicologia, Fisioterapia, Psicomotricidade, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Serviço Social, Pedagogia, Musicoterapia e outras intervenções terapêuticas que se façam necessárias. Além de prestar assistência e suporte às famílias ou responsáveis.

“A nossa ideia é descobrir qual é o grau de comprometimento da criança, preparando-a para estar no meio social, no convívio com a família, com a sociedade e, principalmente, com a escola. E nosso trabalho não se limita somente com os jovens, pois a família precisa estar preparada também, assim como profissionais da rede pública que são capacitados para receberem essas crianças”, esclarece a coordenadora Eloah Antunes.

Resultado da parceria entre a Prefeitura de São Gonçalo e o Núcleo de Atenção às Necessidades do Cidadão Es-

pecial (Nuance) – entidade não governamental e sem fins lucrativos –, a Clínica-Escola se propõe a atender pessoas de baixa renda que buscam por um tratamento especializado em autismo. De agosto a dezembro de 2016, a clínica atendeu 30 pessoas em uma carga horária semanal de quatro horas. “No início estamos estruturando os espaços ainda, mas a previsão e o nosso desejo é de receber mais pessoas”, relata Eloah, que também é presidente da Nuance.

“Quando a gente olha o autismo com amor e carinho é uma esperança de melhor qualidade de vida para tantos autistas e tantas famílias”, conta Eloah.

Priscila Lima, mãe de Davi, de 3 anos, ressalta a importância do trabalho da Clínica. “São pessoas dedicadas que querem que o trabalho aconteça de fato; profissionais especializados que gostam do que fazem e isso é muito importante. Deveria ter uma Clínica-Escola em cada cidade”. Ela também conta a mudança que percebeu no comportamento de seu filho. “Antes ele apresentava dificuldade de ficar na escola, de se relacionar com outras pessoas, e, hoje, ele é completamente outra criança”, diz. □

### Serviço:

Endereço: Rua Expedicionário Eugênio Martins Pereira, 29, Maria Paula, São Gonçalo  
Telefone: (21) 2088-7429



# O Prelo curtiu

Fotos: Divulgação



## Atirando a primeira flor

Acreditando no valor transformador das boas ações, a empresária Heliene Andrade idealizou o projeto “Flor faz bem”, unindo ecologia e solidariedade no Rio de Janeiro. A iniciativa consiste, primeiramente, no recolhimento de recipientes recicláveis e flores que seriam descartados. A partir daí, voluntários são acionados através das redes sociais e colaboradores confeccionam arranjos florais feitos a partir dos materiais recolhidos. Depois, o arranjo é entregue em asilos, abrigos, comunidades carentes e instituições de caridade. Além disso, o projeto também atua em intervenções urbanas, workshops e doações, almejando construir um caminho sustentável de fazer o bem.

### Serviço:

Facebook: <https://pt-br.facebook.com/florfazbem/>

Site: <https://www.florfazbem.com/>

Email: [contato@florfazbem.com](mailto:contato@florfazbem.com)

## Pluralidade cultural no baixo Gávea



Localizada em um dos pontos de encontro mais concorridos da cidade, a Casa da Gávea é um centro de cultura não governamental que tem por objetivo o estudo, debate e divulgação das variadas formas de arte e cultura, além da produção de espetáculos teatrais, filmes, vídeos, edições de livros, programas de rádio, exposições e shows musicais. Sendo administrado desde 2009 pelo SESC, o espaço – que traz a proposta de ser um centro de convivência artística – oferece cursos livres de Interpretação Teatral, Roteiro para Cinema e TV, Expressão Corporal e outros. Em seu “Ciclo de Leituras” de textos teatrais, que ocorre às segundas-feiras, com entrada franca, já foram lidas 650 peças e montadas mais de 100.

### Serviço:

Praça Santos Dumont, 116, Gávea – RJ.

Telefone: (21) 2239-3511

E-mail: [casadagavea@terra.com.br](mailto:casadagavea@terra.com.br)

Envie suas dicas  
para [ascop@ioerj.com.br](mailto:ascop@ioerj.com.br)

## Cultura em Duas Barras

Uma das principais referências culturais no interior do Estado do Rio de Janeiro está no município de Duas Barras, onde fica a Casa da Cultura Themis Alvares Gomes. Dividida em quatro minimuseus com os mais importantes acervos da cidade, a Casa da Cultura reúne o registros da carreira do músico Martinho da Vila – que nasceu na cidade – na sala que recebe o nome do cantor. Na Sala do Folclore, encontram-se diversas peças doadas por grupos de Folias de Reis que visitam Duas Barras para um grande encontro das agremiações. Os trabalhos produzidos, em barro, tecidos, sucatas

e madeiras, por artistas ilustres ou anônimos da região, são exibidos na Sala de Arte Popular. Ainda tem a Sala da Sociedade Musical 8 de Dezembro que completa 96 anos em 2017. Nela, estão à mostra instrumentos musicais refinados, partituras, objetos e uniformes da época.

### Serviço:

Endereço: Praça Governador Portela, nº 07, Centro, Duas Barras – Rio de Janeiro

Telefone: (22) 2534-1212

Horário de funcionamento: Seg à sex, das 8h às 17h30. Sáb, dom e feriados, das 12h30 às 17h30.

## A arte de cuidar da saúde

Seja em busca de diversão, passatempo ou uma maneira de tratar doenças, a arte em geral pode ser utilizada de formas diferentes para inúmeros resultados. No ano de 2005, a psicanalista e professora de artes da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), Marcia Lorette, atendendo em seu consultório no município de Areal, descobriu com a prática que quando se utiliza artes plásticas, música e fantoches no tratamento de crianças, jovens e adolescentes com algum tipo de deficiência alcança-se um resultado de forma mais rápida e agradável.

### Serviço:

Endereço: Rua Aires Pinto, 4 - Centro - Areal

Telefone: (24) 988180524

E-mail: [marcia\\_loretti@hotmail.com](mailto:marcia_loretti@hotmail.com)



## Um oceano de conhecimento

O que existe no fundo dos oceanos? Alguns segredos e mistérios podem ser desvendados no Museu Oceanográfico, da Marinha do Brasil. Localizado em Arraial do Cabo, município da Região dos Lagos, no Rio de Janeiro, o museu é depositário de todo o conhecimento adquirido nas pesquisas realizadas ao longo dos anos pelo Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira. O acervo do museu possui equipamentos oceanográficos, diversos organismos marinhos coletados na região (fauna e flora), sendo uma das maiores atrações o esqueleto de uma baleia Orca encalhada na Ilha de Cabo Frio, em 1981. Além disso, o espaço também oferece painéis, publicações e filmes científicos sobre os oceanos.

### Serviço:

Endereço: Praça Daniel Barreto, s/nº - Praia dos Anjos, Arraial do Cabo – Rio de Janeiro

Telefone: (22) 2622-9026 e (22) 2622-9087

E-mail: [museu@ieapm.mar.mil.br](mailto:museu@ieapm.mar.mil.br)

# Uma história contada através da música

*Tradicional e renomada, a Escola Villa-Lobos não apenas ensina, mas vive a música todos os dias*

TALITA JEOLÁS

Andar pelas ruas do Centro do Rio de Janeiro desperta admiração e nostalgia em quem passa, muitas vezes com pressa, nem sempre consciente da história por trás das construções antigas, praças e monumentos da cidade. Entre as conhecidas ruas da Carioca e a Sete de Setembro, a ruela Ramalho Ortigão guarda um sobrado de quatro andares, tombado por seu relevante valor histórico, arquitetônico e cultural, que desde o fim dos anos 1960 abriga a mais tradicional escola de música do estado, a Villa-Lobos.

Referência nacional no ensino de música, a história da Villa-Lobos começou em 1914, quando foi fundada a Escola de Música Figueiredo Roxo, introduzindo, no Rio de Janeiro, técnicas de ensino e execução musicais trazidas de Berlim, na Alemanha. Até ser rebatizada de Instituto Villa-Lobos, no fim da década de 1960, foi também Escola Popular de Educação Musical e seguiu itinerante por diversos pontos do Rio, como a Rua Frei Caneca, Praça XI e Rua São Francisco Xavier.

A Escola de Música Villa-Lobos existe seguindo duas vertentes, a que ensina o aluno a fazer músi-

ca e a que permite que ele faça por si só. No sentido mais tradicional, que diz respeito à sala de aula, ela oferece três tipos de cursos distintos: Formação Musical, Básico e Técnico.

“O curso Básico é a nossa base, o mais tradicional entre os três. É também o mais antigo e o único que não é oferecido gratuitamente, tendo sua arrecadação revertida para a manutenção da infraestrutura da escola”, explica o diretor da Villa-Lobos, Carlos Belém. Ministrado semestralmente, só aceita inscrição brasileiros natos ou estrangeiros com visto permanente, a partir dos 13 anos. Os interessados no curso não precisam ter qualquer tipo de conhecimento musical prévio e as aulas são dadas nos turnos manhã, tarde e noite. Leandro Pereira é quem coordena o curso Básico, que recebe em média 700 novos iniciantes a cada semestre.

O leque de instrumentos oferecidos é extenso, incluindo piano, saxofone, violão, violino, acordeão, violoncelo, entre outros, que somam um total de 23. No curso Básico, o aluno deve escolher apenas um instrumento por inscrição, o que se difere do curso de Formação Musical, coordenado pelo professor

Leandro Gregório. “Este é oferecido para crianças de 8 a 12 anos que não precisam saber tocar um instrumento ou entender de música. A intenção geral é exatamente formar um músico completo”, relata o coordenador.

Todo início de ano é aberto um edital no site da escola, onde os interessados podem se inscrever e aguardar o sorteio de vagas. Os sorteados ganham um curso completo, com aulas teóricas e práticas, dividido em dois módulos de três anos cada. “É gratuito do início ao fim e engloba uma diversidade de práticas musicais até que o aluno possa escolher, depois um ano, o instrumento que continuará cursando até se formar”, explica Carlos.

O curso Técnico é coordenado pelo professor Levy Nunes e consiste na formação mais profissional oferecida pela Escola de Música, além de ser o único que requer conhecimentos prévios do estudante. Para se matricular, o interessado deve passar por uma prova de seleção que comprova sua noção de leitura e execução musical. As inscrições são abertas anualmente e o curso é válido apenas para quem está cursando ou já se formou no Ensino Médio.



## Festival da Canção

Ultrapassando os limites da sala de aula, a Escola de Música Villa-Lobos se propõe a oferecer experiências inéditas para seus estudantes, como workshops, espetáculos, a formação de grupos musicais e o evento mais importante do ano, o Festival da Canção. “É um projeto histórico que ficou muito tempo interrompido e felizmente conseguimos retomar no ano passado”, conta Belém. No festival, o aluno tem a oportunidade de se mostrar como um verdadeiro músico para uma plateia, cantando ou tocando algo que foi fruto de um trabalho pessoal. “O Festival da Canção é muito tradicional, conta com júri, premiações. Esse tipo de evento acontecer nos comprovou o quão relevante é investir na união dentro da escola, na integração entre os alunos, professores, como isso gera encontros, grupos musicais e parcerias. É bonito ver a movimentação na Villa-Lobos!”, orgulha-se o diretor. Dividido em três partes, o Festival da Canção começa com 100 músicas inscritas e todos os alunos têm a chance de se apresentarem ao vivo. Até a grande final, sobram apenas dez canções, que ganham o palco do Teatro João Caetano para que finalmente seja escolhida a obra vencedora. “O final é a parte mais bacana do festival, na minha opinião. No ano passado, esgotamos os ingressos de um espaço com mais de mil assentos. A maioria dos participantes reagiram como verdadeiros profissionais na hora da apresentação, o que até me surpreendeu um pouco”.

## Grupos artísticos

A formação de grupos artísticos na escola é muito comum. Eles existem simplesmente com o intuito do aluno fazer música. Hoje, a Villa-Lobos conta com Coro Juvenil, Coro de Câmara Adulto, o grupo de choro Chorando Baixinho, a bateria feminina Fina Batucada, Grupo de Jazz, e até um grupo formado só por professores, o Villa Quinteto, que toca MPB instrumental. Os grupos mantêm ensaios, fazem espetáculos e ainda recebem convites de instituições para se apresentarem.

“Existe um revezamento e agitação naturais nos grupos da escola”, infor-

Alunos da Villa-Lobos em aula do professor Marcos Marques



Segmentação: estudantes que decidiram se aprofundar no instrumento violão



ma Belém, ressaltando que dificilmente uma formação original vai se manter por muito tempo, já que os estudantes acabam se formando, às vezes desistem do curso, outras vezes passam da idade máxima permitida para estar em determinado grupo. “A Villa-Lobos é uma escola estruturante e essa característica implica em um entra e sai de alunos muito grande. Nem sempre estaremos com todos os tipos de grupos prontos para apresentações, mas isso não impede a realização de grandes espetáculos em conjunto, como o que fizemos recentemente na Sala

Cecília Meireles”, explica o diretor.

O concerto da Cecília Meireles englobou, além dos grupos artísticos, apresentações de diversas turmas da Escola de Música. Alguns professores fizeram apresentações solo, houve também piano solo, uma pequena orquestra de cordas, e a participação tanto de crianças quanto de adolescentes e adultos. O espetáculo durou três horas e foi um pontapé inicial da experiência como profissional para muitos alunos, que entenderam como funciona camarins, bastidores e, principalmente, o contato com um público grande e plural.



*Maestro Zdenek Svab durante um dos ensaios da orquestra sinfônica, que atende aos alunos de cordas friccionadas, sopros e percussão*



## Parcerias

Contudo, apresentações não são a única atividade extracurricular que a Escola de Música Villa-Lobos realiza. Há uma preocupação enorme em promover workshops e aulas especiais com artistas para os estudantes. Quando algum artista, nacional ou internacional, está de passagem pelo Rio de Janeiro, a escola tenta um contato para que o músico possa ir à Villa-Lobos. “O consulado dos Estados Unidos nos informa sobre a vinda de artistas para o Brasil e, através dessa ponte, buscamos apresentações ou aulas gratuitas para os nossos alunos”, explica Carlos.

A intenção do contato com profissionais é auxiliar no enriquecimento do conteúdo que está sendo aprendido. Fora workshops e masterclasses, a Villa-Lobos providencia acesso a cinemas e teatros de forma gratuita para os alunos que, muitas vezes, não têm condições financeiras de re-

alizarem essas atividades. “A sala de aula acaba sendo uma parte menor na formação, já que não é tão mais importante do que as atividades práticas, em conjunto, a participação em concertos e a presença em espetáculos como público”, esclarece Belém.

A Escola de Música Villa-Lobos busca constantemente parcerias com o Estado e outras prefeituras, seja para a realização de eventos ou para a contínua expansão da escola. “A Villa-Lobos é muito pulsante, está sempre sintonizada com o dia a dia da sociedade do Rio de Janeiro”, afirma Carlos Belém.

Hoje, além da sede na Ramalho Ortigão, a escola está distribuída em cinco polos localizados em municípios distintos do Estado do Rio. Após as eleições municipais, três propostas de novas construções foram recebidas pela Villa-Lobos. A ideia dos polos avançados de ensino é levar o aprendi-

zado musical para todo o Rio de Janeiro. Em Miracema, a Villa-Lobos atende a Região Norte do estado; em Búzios, é a Região dos Lagos; Conceição de Macabu serve o Noroeste fluminense; Paracambi toma conta da Região Metropolitana; Teresópolis se concentra na Região Serrana. “No contexto do Rio ser um estado razoavelmente pequeno, a escola atende, somando os alunos da sede e dos polos avançados, mais de três mil pessoas. É uma quantidade excelente e a tendência é só aumentar”, encerra o diretor da Villa-Lobos. □

### Serviço:

Endereço: Rua Ramalho Ortigão, nº 9, Centro, Rio de Janeiro  
Telefones: (21) 2232-6405 / 2224-2116

Horários de funcionamento: De segunda a sexta, das 8h às 18h  
Site: <http://www.villa-lobos.rj.gov.br/>

## Entrevista: Marcos Marques, o “Marcão”

*O músico tijucano Marcos Marques, mais conhecido como “Marcão”, é um dos professores mais presentes nas turmas do Curso Básico da Escola de Música Villa-Lobos. Com personalidade forte, “Marcão” é facilmente reconhecido também por seus um metro e noventa de altura, além da voz potente. Em sala de aula, seu jeito pragmático chama atenção, mas seus alunos talvez não conheçam a trajetória profissional que o levou a ser responsável pela alfabetização musical de centenas de alunos a cada semestre.*

### Desde quando você leciona na Villa-Lobos?

Comecei em 1996, há mais de 20 anos, mas antes fui aluno. Estudei de 1982 a 1984, aí fui para a faculdade, fiz prova para a Unirio e passei. Terminei o curso em 1989 e voltei à Villa-Lobos para dar aula em 1996 e estou aqui até hoje.

### Como surgiu essa oportunidade?

Eu recebi uma honra de uma ex-professora minha, na verdade. Estou aqui hoje devolvendo à escola o que recebi, porque quem me convidou para dar aula na Villa-Lobos foi essa professora, dizendo que eu me encaixava muito no perfil da escola.

### Como foi a transição de aluno para professor da escola?

Imediatamente, não senti essa transição, porque da minha época como aluno até o início da carreira acadêmica o lapso de tempo foi muito grande. Só que é sempre diferente ser aluno e ser professor. Você assume um papel importante perante a tantas pessoas que estão buscando aprendizado. O principal, para mim, é ser um professor que estimula seus alunos. Se você não contagia, não faz o estudante se interessar pelo conteúdo proposto, não há evolução. É preciso que o aluno entenda que, se seu professor tem tantos conhecimentos, é porque ele teve muita paciência e dedicação para chegar aonde chegou. Eu tive aula nas mesmas salas que meus alunos têm, e agora o que eles aprendem depende de mim.

### Como é, para você, fazer parte da história da Villa-Lobos, principalmente como professor?

Para mim, é incrível. Fico pensando em como passamos pela vida das pessoas e elas passam pelas nossas vidas, como é grande o aprendizado transmitido e trocado. Às vezes você admira muito uma pessoa, e quando vai realizar algum tipo de estudo, vê o nome dela em um livro. Temos muitos professores e ex-professores assim na Villa-Lobos. Quando eu tinha vinte e poucos anos, fui dar aula no Projeto Bandas, pela antiga Funarte, e quando olharam o meu currículo, falaram “nossa, você foi aluno do professor Joaquim”. Ele é simplesmente um dos maiores instrumentistas e compositores para bandas do Brasil, e eu não fazia a menor ideia disso quando tive aula com ele aos 12 anos. Agora é a minha vez de fazer parte dessa história tão bonita da escola. Pode até ser pretensioso, mas daqui a alguns anos as pessoas vão dizer “ah, eu fui aluno do “Marcão” lá na Villa-Lobos”. Foi assim com outros e pode ser que seja assim comigo também. Hoje, estudamos os profissionais que vieram antes de mim, amanhã pode ser o meu nome nos livros.

### Qual o seu instrumento principal?

A voz. Eu sou cantor. Mas toco violão, guitarra e agora estou aprendendo piano. Vejo o aprendizado como algo contínuo. Quanto mais aprendemos, melhor.



# EMMANUEL DE MACEDO SOARES

☆1945 †2017

## Estado do Rio perde um de seus maiores historiadores



Emmanuel foi o primeiro editor de O Prelo (fac-símile da primeira edição no alto, à direita)

Emmanuel Bragança de Macedo Soares, 71 anos, fundador do PRELO morreu no dia 14 de abril último, no Hospital Azevedo Lima, em Niterói, deixando quatro filhos (Marcelo, Cristina, Fabrícia e João Augusto) e dois netos, Pedro e Lucas. Autor de mais de 20 livros, Emmanuel ocupava a cadeira número 13 da Academia Fluminense de Letras e tinha grande interesse pela pesquisa literária, além de profunda admiração pelo poeta Fagundes Varela, sobre quem deixou um livro biográfico não concluído.

Antes de assumir o setor de Projetos Especiais da Imprensa Oficial, em 1988, Emmanuel já trabalhara em importantes órgãos da imprensa carioca e fluminense. Profissionalmente iniciou sua carreira no “Diário Carioca”, passando depois pelas redações de “Última Hora”, “O Jornal”, “Jornal do Brasil”, “O Fluminense” e “Grande Jornal Fluminense” – jornal radiofônico famoso nos anos 60 – entre outros veículos de comunicação.

Também foi membro do Conselho Consultivo do Projeto de Restauração do Teatro Municipal de Niterói, diretor do Arquivo da Câmara Municipal de Niterói e integrante do Conselho Editorial do Arquivo Público do Estado do Rio.

Além dos mais de 20 livros publicados – entre eles, “José Clemente e a Vila Real da Praia Grande — Ensaio histórico”, “As ruas contam seus nomes” e “Pequena história do Teatro Municipal de Niterói” – Emmanuel de Macedo Soares nos deixa como legado volumoso acervo inédito, fruto de uma vida inteira de pesquisas e observações históricas.

Nascido em Araruama, era Macedo Soares por parte de pai, descendente de família aristocrática fluminense que chegou a ter um de seus membros, Edmundo de Macedo Soares, como governador do antigo Estado do Rio; e sobrenome Bragança por parte da mãe. Era primo do ex-prefeito de Niterói, Waldenir de Bragança. Em Niterói, Emmanuel cursou o Liceu Nilo Peçanha, onde fundou o jornal “O Temporal”; depois estudou no Colégio Pedro II e fez Jornalismo no Instituto de Artes e Comunicação Social da UFF.

Os amigos comentaram sua morte. Gilson Monteiro, jornalista, registrou



em sua coluna: “Intelectual nato, Emmanuel era um colaborador sempre pronto para tirar dúvidas ou acrescentar algum dado histórico que valorizava uma reportagem ou simples notícia”. Marcos Gomes, secretário de Cultura de Niterói, disse: “Ele nos deixa um grande legado e certamente é pessoa que ficará guardada na memória da cidade, eternamente”.

A presidente da Academia Niteroiense de Letras, Márcia Pessanha, disse por sua vez: “Emmanuel era um pesquisador e conhecedor nato da história de Niterói. Sua partida deixa lacuna – pela pessoa e grande profissional que era”. Já Waldenir de Bragança, presidente da Academia Fluminense de Letras (AFL) e ex-prefeito de Niterói, disse sobre o amigo e primo: “Além de compadre e conterrâneo, Emmanuel tornou-se o maior historiador memorialista de nossa geração e continuará vivo por suas obras e marcas que deixou por sua inteligência”.

### O PRELO

Foi na Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, nos anos 80, que Emmanuel Bragança de Macedo Soares uniu as suas duas paixões – jornalismo e história – em uma publicação nova, O PRELO, nascida como jornal mensal – suplemento do Diário Oficial fluminense; e hoje no formato de revista, com circulação trimestral.

Em justa homenagem ao seu criador, nos números vindouros O PRELO vai recuperar um pouco do viés histórico que Emmanuel de Macedo Soares lhe imprimiu em sua fase inaugural.

As mudanças serão sentidas pelos leitores nas próximas edições e certamente trarão de volta algumas das inspirações históricas de seu fundador. O futuro, a rigor, ainda reserva ao público muito da produção intelectual deste que pode ser considerado um dos mais importantes pesquisadores da história fluminense. □



Mudas cultivadas  
para frear a  
degradação  
ambiental



# Uma árvore par

*Projeto Replantando Vida oferece oportunidades de emprego a apenas através do plantio de mudas para reflorestamento*

*Diariamente levantamos de nossas camas e vamos em busca do que é essencial para que possamos ter uma boa qualidade de vida. Para alguns, significa ter um trabalho, uma boa casa para morar ou um carro que atenda as necessidades. Já para outros, apenas uma boa rede na varanda é o suficiente. Porém, em ambos os cenários, por quantas vezes pensamos que, caso as florestas não mais existam ou a água do mundo se torne cada vez mais poluída ou desperdiçada, não poderemos usufruir do que tanto valorizamos? Por quantas vezes pensamos nesses elementos como essenciais à vida humana? Atento a esse questionamento, o projeto Replantando Vida tem buscado no presente a certeza de um futuro promissor.*

LAURA MIRANDA

Criado em 2001 pela companhia Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (Cedae), o programa surgiu com o objetivo de frear a degradação ambiental sofrida por diferentes corpos hídricos recuperando, através do reflorestamento, nascentes, zonas de descarga e as matas ciliares, principais responsáveis pela proteção de rios, lagos, represas, igarapés e olhos d'água. O projeto também busca, por meio de ações ambientais e educativas, a melhoria da qualidade e da quantidade de água presente nas bacias hidrográficas do Rio de Janeiro, em especial a dos rios Guandu e Macacu, responsáveis pelo abastecimento de água potável para aproximadamente 14 milhões de usuários distribuídos em diversos municípios fluminenses.

Com seis viveiros florestais construídos em diferentes locais do estado, as hortas do projeto possuem uma capacidade produtiva de 1,8 milhões



Apenados  
trabalham no  
cultivos de mudas

# a uma nova vida

de mudas por ano. Utilizando como substrato resíduos orgânicos gerados e tratados nas Estações de Tratamento de Esgoto, elas atendem não somente demandas internas, mas também diferentes iniciativas ambientais realizadas por instituições de ensino, projetos sociais, prefeituras, entre outros.

Para Alcione Duarte, coordenador de Projetos de Reflorestamento da Ceda, o intuito do programa é de sempre ir além das metas estabelecidas. "Nos nossos viveiros nós cultivamos mais de 200 tipos de plantas, como o ipê, a aroeira pimenta e o jequitibá, por exemplo. Nosso principal objetivo é produzir espécies que proporcionem grande diversidade à mata e contribuam para a preservação e limpeza das águas. Algo que também é motivo de muito orgulho e importância para nós, é o fato de diversas espécies que são plantadas aqui estarem na Lista Vermelha da União Internacional para

Conservação, a ponto de se tornarem extintas. Ao plantarmos essas e outras espécies, em diferentes locais, podemos criar uma nova realidade!", declarou.

## O CULTIVO DE UM NOVO SER

O que para muitos pareceu ser o fim, para o projeto Replantando Vida é apenas o início de uma nova história. Através de uma parceria com a Fundação Santa Cabrini, gestora do trabalho prisional no estado do Rio de Janeiro, e direções de diferentes unidades prisionais, o projeto oferece a apenados, que se encontram em regime semilivre, aberto ou em prisão albergue domiciliar, oportunidades de emprego em diferentes áreas da companhia.

Atualmente com 280 vagas ocupadas e 220 disponíveis, o objetivo da ação é de restaurar o vínculo entre



apenados e a sociedade através do trabalho como forma de ressocialização. Após passarem por uma seleção interna, feita por cada unidade prisional, os detentos são entrevistados por uma equipe da Cedae, a qual analisa o histórico empregatício de todos os candidatos, para que, assim, possam ser alocados em posições em que estejam familiarizados com as demandas exigidas. Nas hortas do projeto, por exemplo, homens e mulheres se dividem entre a produção de mudas, limpeza do terreno, enriquecimento do solo, na abertura de novas covas, entre outros. Todos os funcionários recebem remuneração mensal (salário mínimo nacional), auxílio transporte e alimentação, além da redução de um dia de pena por cada três dias trabalhados.

Maxoel Mendonça, de 47 anos, é um dos componentes dessa trajetória de sucesso. Condenado a 25 anos de prisão, Maxoel achou nas pequenas mudas e nas imponentes árvores do viveiro da Cidade de Deus uma forma de transformar o seu tempo que, para muitos era considerado perdido, em um agente transformador. Através de palestras de conscientização ambiental ministradas em colégios da comunidade e visitas guiadas às hortas, Maxoel busca incentivar moradores da comunidade a propagarem o que aprenderam e juntamente com o projeto transformarem o local onde vivem.

“Desde o dia em que cheguei senti o desejo de estar mais perto das pes-

soas que por aqui passavam. Por ser um local aberto, sempre via crianças, jovens e idosos transitando pelo viveiro e sempre elaborei uma forma de chegar até cada um. Aos poucos, vi que as pessoas foram se interessando pelo assunto e foi então que pedi autorização ao Alcione para visitar as escolas e falar sobre a importância das florestas no mundo. Sem nunca esquecer também da água, que, para mim, é a coisa mais importante que temos! Hoje vejo que a comunidade está se transformando aos poucos, da mesma forma que fui transformado ao chegar aqui”, disse Maxoel.

Atualmente o Projeto Replantando Vida possui viveiros localizados na Estação de Tratamento de Água do Guandu (ETA Guandu), no Centro de Visitação Ambiental da Estação de Tratamento de Esgotos da Alegria (ETE Alegria), no Morro do Adeus, na Colônia Penal Agrícola de Magé e no ETE São Gonçalo. Somando-se a eles, o projeto contará em 2017 com um novo viveiro, localizado na Caixa Velha, na cidade do Rio de Janeiro, construído com o objetivo de cultivar estritamente plantas de sub-bosque. □

# Vamos plantar uma muda?

**1**. Abra um berço (cova) nas dimensões 30x30x30cm, devolvendo parte da terra retirada, já levemente úmida e “afogada” com o auxílio de uma pá, até a metade do buraco

**2**. Remova o saquinho da muda cuidadosamente e coloque-a no centro do berço, de modo que fique no nível do solo, preenchendo o espaço restante com a terra que foi retirada

**3**. Molhe a muda a cada dois dias, durante os dois meses seguintes, até que ela mostre que está se desenvolvendo



**SERVIÇO**  
Replantando Vida  
Site: [www.cedae.com.br](http://www.cedae.com.br)  
Email: [replantandovida@cedae.com.br](mailto:replantandovida@cedae.com.br)



Foto: Talita Jeolás

# 100 anos de uma joia cultural fluminense

*A Academia Fluminense de Letras celebra centenário apostando em comemorações diversas, parcerias e projetos futuros*

TALITA JEOLÁS

Em busca de questionar e discutir a dialética socrática foi fundada, em Atenas, a Academia de Platão. A ideia de reunir estudiosos para promover debates incentivou o surgimento de diversas instituições literárias na França, entre 1620 e 1630, quase 2.000 anos depois da escola do filósofo grego. A Academia Brasileira de Letras só foi fundada séculos depois, em 1897, com o objetivo de cultivar a Língua Portuguesa e a Literatura Brasileira. Posteriormente, outras academias foram sendo instituídas pelo país e, há 100 anos, nasceu a primeira do estado do Rio de Janeiro: a Academia Fluminense de Letras, localizada na então capital, Niterói.

Já no dia cinco de janeiro deste ano, foram iniciadas as celebrações pelo centenário da AFL. A Igreja de São Lourenço dos Índios recebeu um painel de expositores sobre a vida e a obra de José de Anchieta, uma apresentação do quarteto do Programa Aprendiz na Música e um coquetel. A abertura do evento ficou por conta do presidente da academia, Waldenir de Bragança. “Sinto que sou responsável por uma missão exercendo um cargo tão importante na Academia Fluminense de Letras. Depois de ter sido deputado, prefeito de Niterói, ainda atuando como médico, espero, junto com meus colegas da academia, realizar comemorações dignas ao centenário dessa joia cultural que se encontra em nossa cidade”, diz o presidente.

A Academia Fluminense de Letras completa 100 anos oficialmente em 22 de julho. “O Rotary Club do Rio de Janeiro já prestou sua homenagem à academia, assim como a Associação dos Professores da Universidade Federal Fluminense, a OAB, a Academia de Medicina, enfim, as entidades culturais estão reconhecendo e prestigiando o centenário da mais antiga entidade cultural do gênero no território do Estado do Rio de Janeiro”, conta Waldenir.

Nos dias 20, 21 e 22, será realizado o I Congresso Brasileiro de Academias de Letras e Artes, com o objetivo de estimular e desenvolver ações socioculturais e educacionais vinculadas à ética, aprofundar as raízes culturais do Brasil, estimular a produção de livros e a difusão da leitura, valorizar o idioma nacional e intensificar a campanha para a sua adoção como uma das línguas oficiais da Organização das Nações Unidas (ONU).

O envolvimento de pessoas de fora da academia também marcará presença no conjunto de celebrações para o centenário. Um concurso literário terá como propósito apresentar ao público as diversas visões sobre o porquê da existência da AFL. O tema é a própria academia em três modalidades, que são: contos, poesias e crônicas.

Com a chegada dos cem anos da instituição que preside, Waldenir de Bragança sonha em reunir todas as academias de Letras do estado visando o apoio mútuo entre elas e promovendo o estímulo para que novas academias sejam criadas. “O objetivo é formar uma rede cultural, valorizando as raízes dos sentimentos, das manifestações artísticas, o folclore, todo o conteúdo que precisa ser inserido e consolidado na sociedade”, explica o presidente. Qualquer instituição interessada em participar da Federação de Academias de Letras e Artes, deve entrar em contato com a AFL pelo endereço de e-mail: [academiafluminensedeletras@gmail.com](mailto:academiafluminensedeletras@gmail.com). □

#### Serviço:

Endereço: Praça da República, 7 - Centro, Niterói  
Site: <http://www.academiafluminensedeletras.org.br/>  
A Diretoria da AFL se reúne às quintas-feiras, das 15h às 17h.

# Menos no lixo, mais comida na mesa

*Programa Banco de Alimentos, da CEASA,  
doa alimentos a instituições, numa ação  
contra o desperdício*

CAMILLA ALCÂNTARA

## **SERVIÇO**

Endereço: Rua do Carmo, 27, 2º andar,  
Centro - Rio de Janeiro (RJ)  
Telefone: (21) 2332-7314  
E-mail: [biblio@pge.rj.gov.br](mailto:biblio@pge.rj.gov.br)

Foto: Divulgação



Já imaginou para onde vão os alimentos da feira que não foram vendidos no fim do dia? Como são produtos perecíveis, não podem esperar muito para serem consumidos. No Estado do Rio de Janeiro, eles podem ser doados para o Banco de Alimentos, um programa das Centrais Estaduais de Abastecimento (CEASA), que os repassa para diversas instituições, como hospitais, asilos, ONGs, creches, UPPs e outras. Só em 2016, o programa atendeu 73.054 pessoas e 451 locais, um aumento de 70,2% em relação ao ano anterior.

A periodicidade e a capacidade das doações dependem da quantidade de pessoas que a organização atende – o cálculo é de 1Kg para cada criança e 1,5Kg por adulto. Algumas doações são fixas, como é, por exemplo, o que ocorre no Rio Solidário. Semanalmen-



te, 640 bolsas de sete quilos de alimentos cada são enviadas para a ONG, que os repassa para diversas creches e para o Abrigo da Mulher. Eles são usados para complementar a alimentação das pessoas atendidas.

A ONG Rio de Paz atua diretamente com famílias carentes. Mais de 600 famílias são contempladas com cestas básicas. Nelson Carlos de Oliveira, coordenador da unidade do Jacarezinho, conta que através de igrejas católicas e evangélicas são feitas sopas para moradores de rua e dependentes químicos. “Nossa meta é conseguir ajudar mil famílias”, determina.

Já na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de São João de Meriti, 110 pessoas são atendidas.

“Nossa meta é conseguir ajudar mil famílias”

“O que tem no Banco, eles mandam e ajuda muito a gente. Uma vez recebemos muita melancia, abóbora... fizemos suco de melancia e todo mundo gostou”, declara Maria José Cabral da Silva, responsável pela alimentação na Apae. Ela acrescenta que o cardápio é feito em conjunto com profissionais nutricionistas, e salienta que os produtos de hortifruti contribuem para uma alimentação mais saudável. O Lar de Frei Luiz fica na Taquara e possui projetos

que vão desde uma creche com 240 crianças em horário integral a um abrigo de idosos, 28 internos; além de um grupo de 20 adultos portadores de necessidades especiais. Há também

um projeto socioeducativo para 243 crianças e adolescentes de quatro a 16 anos com atividades complementares ao horário escolar – acompanhamento pedagógico, atividades esportivas e artísticas. Toda sexta-feira, a voluntária Isabel Frutuoso ajuda a buscar no Banco de Alimentos as bolsas com as frutas, legumes e verduras que serão usados para a alimentação de toda essa gente. “Essa parceria que nós temos com o Banco é fundamental para a casa. Há um acompanhamento com nutricionista, as crianças são pesadas. Temos muito cuidado com a saúde das crianças, principalmente”, menciona.

O Banco de Alimentos é, portanto, um programa que cobre várias lacunas – a do desperdício, da desnutrição e da produção agrícola – e garante uma distribuição mais justa de alimentos. □

## A origem dos alimentos



Acima, beneficiárias do Rio Solidário recebendo a contribuição da CEASA

Os produtos de hortifruti que abastecem o programa vêm de duas formas: através de doações dos produtores que comercializam na Ceasa e do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Também são doados os alimentos apreendidos em cargas irregulares.

O PAA é um programa executado pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), que, através do Governo do Estado do Rio, compra a mercadoria do produtor rural que irá ser distribuída por meio do Banco de Alimentos nas Ceasas. A iniciativa tem um como objetivo o incentivo à agricultura familiar no estado, evitando perdas na produção.

Gilberto Guimarães é agricultor e vende através do PAA grande parte de sua produção. “Não há nenhuma perda, nenhuma sobra é jogada fora”, declara. “Vendo tomate, maracujá, pimentão, manga... um pouco de cada coisa. Planto e tenho onde vender com certeza”, completa o produtor, que vive em Paty do Alferes, no Sul do estado.

Eduardo de Souza Caputo, chefe da Divisão de Programas de Segurança alimentar e Nutricional da Ceasa, explica como o programa beneficia os produtores rurais. “O que ele não conseguiu vender é adquirido pelo PAA. Para evitar que se pague esse novo frete com o retorno dos alimentos que sobraram, ele vende para cá”. A qualidade dos produtos define se serão vendidos ou doados.

Eduardo destaca a importância das doações. “Às vezes, o produto está feio para comercialização, mas ainda possui seu valor nutricional”, assegura. O que não pode ser consumido é se-

parado e não é enviado às instituições.

O presidente da Ceasa-RJ, Aguinaldo Balon, que assumiu a direção da empresa em fevereiro de 2017, destaca, entre suas metas, a ampliação do Banco de Alimentos através da intensificação de relações com o mercado e com o Governo Federal. “Vamos fortalecer o diálogo com os permissionários, ressaltando a importância da doação dos alimentos para que possamos aumentar o número de entidades atendidas. E também reforçar os laços com o MDS, que é com quem possuímos duas parcerias: o PAA e o edital que garante recursos para a modernização dos postos de atendimento. O objetivo é finalizar esse último projeto para que tenhamos capacidade física para receber o aumento da demanda”, diz. □

### EM TODO O RIO

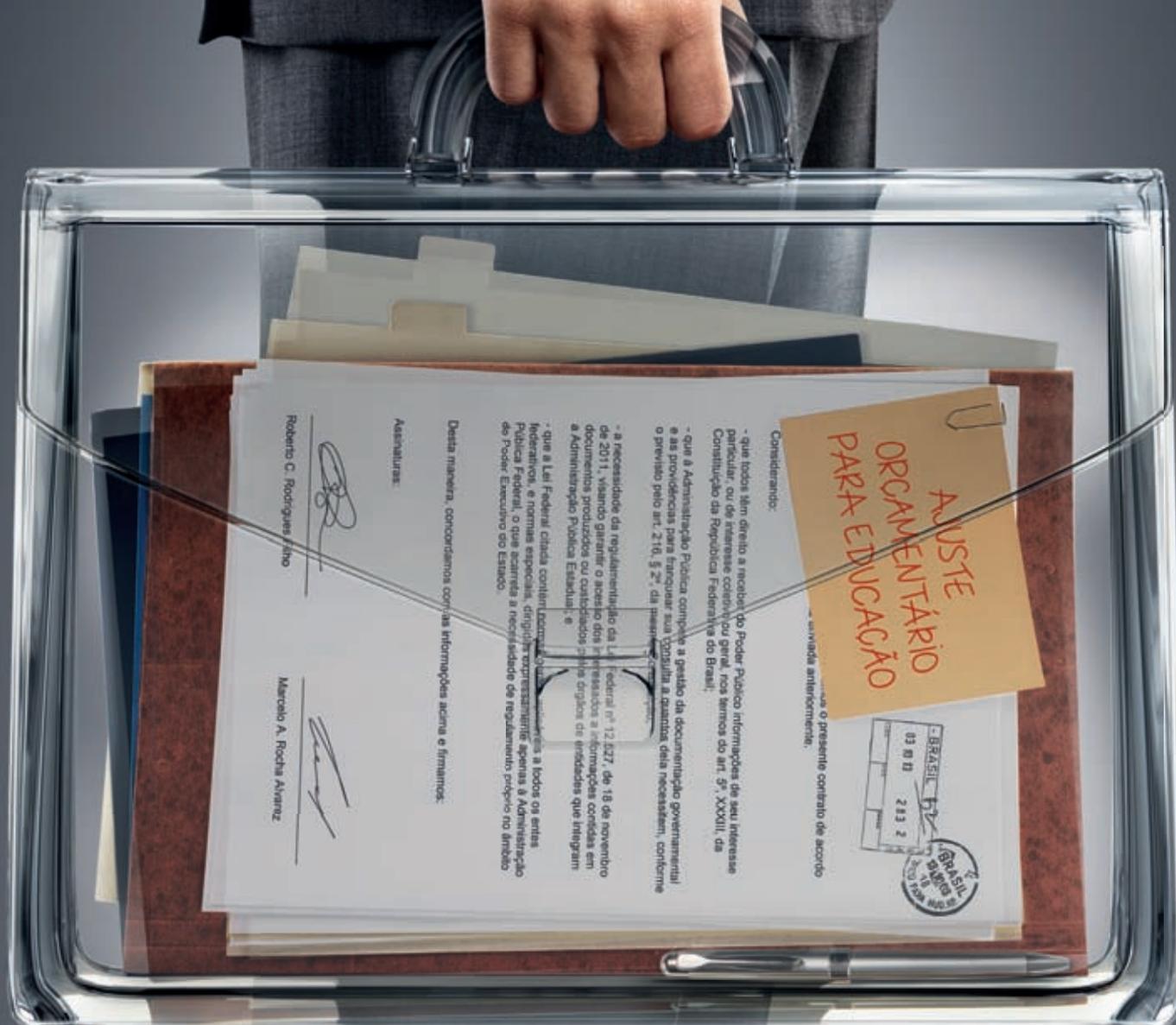
O incentivo à agricultura familiar mantém o trabalhador no campo, evitando o êxodo rural. Para abranger a maior extensão possível no interior do Estado, existem unidades em São Gonçalo, Nova Friburgo, Itaocara, São José de Ubá e Paty do Alferes. Atualmente, são mais de mil produtores cadastrados no PAA, que podem comercializar na unidade mais próxima.

Thiago Pinheiro, engenheiro agrônomo, aponta o caráter estratégico dos pontos de coleta. “São pontos específicos no estado. Nor-

te, Noroeste, Sul Fluminense, Região Serrana... São lugares que facilitam a entrega do agricultor.”

Diariamente, veículos do Banco de Alimentos recolhem doações nos mercados. Outra característica do programa é que apenas há alimentos produzidos no Estado do Rio de Janeiro, como por exemplo, goiaba, abacaxi e banana. Ao todo, são 74 produtos de hortifruti. Para estimular a produção de orgânicos, os agricultores ganham 30% a mais pelos produtos cultivados sem agrotóxicos e fertilizantes químicos.

COM O DIÁRIO OFICIAL,  
SÓ NÃO VÊ  
QUEM NÃO QUER.



## SÓ É OFICIAL QUANDO ESTÁ AQUI.

O Diário Oficial é o instrumento de transparência das empresas privadas e dos órgãos públicos. E para você a melhor ferramenta de fiscalização das leis, atos, licitações, contratos e tudo de oficial que acontece no estado. Por isso, com o Diário Oficial, tudo fica transparente.



SECRETARIA  
DA CASA CIVIL



PERTO DE VOCÊ

WWW.IMPRESAOFICIAL.RJ.GOV.BR



# FEBRE AMARELA

*A proteção e a saúde de todos também dependem de você  
VAMOS ACABAR COM ELA!*

*Vai viajar? **Vaccine-se!***

*Vai Ficar? **Vaccine-se!***

*Procure a unidade  
de saúde mais  
perto de sua casa.*

Para mais informações acesse:  
[www.saude.gov.br/febreamarela](http://www.saude.gov.br/febreamarela)